

QUEM AMA, VALORIZA*

Inicialmente, desejo agradecer, de todo o coração, o generoso gesto de escolha de meu modesto nome como patrono desta valorosa turma, que hoje cola grau em Engenharia Agrônômica pela Universidade Estadual do Piauí. Agradeço, também, as palavras de vossa oradora Isabel Cristina Figueiredo de Oliveira.

Felicitto-vos pela vitória que acabais de alcançar, estendendo meu caloroso abraço aos vossos familiares e a outros que contribuíram, direta ou indiretamente, para que ocorresse esta celebração.

Desejo também cumprimentar-vos por outro gesto que bem expressa a exata dimensão dessa vitória, sobretudo por dar nítido sentido e firme conteúdo ao juramento que proferistes. Refiro-me ao nome da turma – “Caminhos Fértéis” – adotando como legenda o lapidar pensamento da imorredoura poetisa goiana Cora Coralina, que diz:

“O que vale na vida não é o ponto de partida e sim a caminhada.

Caminhando e semeando, no fim, teremos o que colher.”

De fato, que é a vida senão uma contínua caminhada, um permanente semear, um inconcluso ato de construção de exemplos?

Ora, semeastes o talento e agora colheis o galardão. Por certo, na vossa vida profissional, que hoje se inicia, produzíreis alimentos sem agressão ao meio ambiente, e tereis nosso respeito e reconhecimento.

Para mim, Senhoras e Senhores, é muito difícil, quiçá impossível mesmo, colher a emoção desta hora sem volver os olhos para o passado e tentar reconstituir, na memória dos tempos, todos os passos da caminhada que nos conduziram até aqui. Parece que uma força interior, instigadora e poderosa, está a me alertar, a todo instante, que não haveria esta cerimônia, pelo menos com o brilho que a cerca, se a semeadura não tivesse sido feita ao longo de caminhos verdadeiramente férteis.

A História, mestra da vida, está aí para prová-lo.

E ela nos indica que o povo de Corrente, desde os seus primórdios, escolheu a educação para fazer sua caminhada na construção de sua cidadania. Assim é que, há 150 anos, já preocupados com a educação de seus filhos, vários cidadãos desta terra deixaram sua labuta cotidiana, que girava em torno dos currais de criação de gado, para representar à Câmara Municipal de Parnaguá, de cuja municipalidade faziam parte, reivindicando a criação de uma escola primária na povoação do Corrente. A representação, encaminhada em 3 de abril de 1852 ao governo da Província, resultou na Lei nº 332, publicada em 8 de julho de 1853, pela qual foi atendido tão justo pleito. Convém acrescentar que nosso povo, até então, só conhecia governo através da presença ostensiva do cobrador de impostos. Quem instalou essa primeira escola pública, em 20 de fevereiro de 1854, foi o professor José Messias Cavalcante, o primeiro desse nome, o qual, selecionado mediante concurso público, iniciou suas aulas com uma matrícula de 34 anos em lugar de 15, mais que o dobro do número mínimo então legalmente exigido, para fazer jus ao recebimento de salário.

Durante esses longos 121 anos, contados da criação da escola de meu trisavô até 1975, quando foi instalado o Complexo escolar Regional, a ação do Estado na área da

educação em Corrente se limitou ao ensino primário. Cansado de esperar pela ação do governo, nosso povo foi à luta e soube enfrentar com galhardia as asperezas da vida nestes confins do Piauí. E de seu espírito de inconformidade ante o isolamento e as dificuldades dele decorrentes, nasceriam, décadas mais tarde, o Instituto Batista Industrial com seus cursos ginásial, pedagógico e de técnicas agrícolas, o Ginásio São José e a Escola Técnica de Comércio Dom José Vázquez.

O processo de implantação aqui do ensino universitário resultou, também, desse espírito de pioneirismo e de audácia, marcado por genuína participação comunitária.

Faz bem ao espírito recordar esse eloquente exemplo de grandeza na vida de nosso povo. Com efeito, em fins de fevereiro de 1988, reunidos na Casa da Cultura, cidadãos desta cidade e de municípios vizinhos convenceram-se de que, ao invés de mandar seus filhos para a universidade lá fora, deveriam trazer a universidade para Corrente. Assim, eles poderiam estudar sem se afastarem de seu trabalho e de suas famílias, a exemplo do que ocorrera com o ginásio e o segundo grau. Inclusive porque, se não o fizessem, apenas uns poucos poderiam assegurar a seus filhos o legítimo e democrático direito de galgar a educação superior, por óbvias razões. E, lançando mãos à obra, decidiram criar a Fundação de Ensino Superior do Sul do Piauí, a nossa conhecida Fespi, para isso doando parte daquilo que possuíam, fosse dinheiro, terra ou gado, e elegendo o professor João Rocha Mascarenhas seu presidente. O Instituto Batista Correntino entrou com o terreno para a construção do prédio.

Conduzidos por férrea vontade coletiva, transformar esse sonho em realidade foi um passo, embora tivéssemos que vencer a descrença, o imobilismo e até a adversidade de alguns. Não importa. Em abril de 1988, a Fespi celebrava convênio com o Ministério da Educação, então dirigido pelo senador piauiense Hugo Napoleão, garantindo o apoio federal ao projeto e o assessoramento técnico da Universidade de Passo Fundo, graças ao empenho do professor Agostinho Both; em junho, o Conselho Federal de Educação autorizava a Universidade de Passo Fundo a capacitar nosso futuro corpo docente; em julho, iniciava-se a construção do prédio da Fespi; em agosto, cerca de 40 profissionais da região, recrutados publicamente, iniciavam em Corrente o curso de pós-graduação em Metodologia do Ensino Superior, só concluído em Passo Fundo, no distante Rio Grande do Sul, no ano seguinte; em setembro, apresentamos carta-consulta ao Conselho Federal de Educação pedindo autorização para realizar o primeiro vestibular, inicialmente para os cursos de agronomia e pedagogia; não obtida essa autorização, conseguimos realizá-lo, em 1992, através da Universidade Federal do Piauí; e, em 1993, entregamos em comodato à Universidade Estadual do Piauí nossas instalações e equipamentos, inclusive cinco laboratórios, para funcionamento, conforme decreto governamental, do campus avançado que leva o meu modesto nome.

Passados sete anos de injustificável abandono, pelo Estado, desse precioso patrimônio social, eis que a Magnífica Reitora Socorro Rocha Cavalcanti Barros a entregar à comunidade universitária, na manhã de hoje, as melhorias que nele acaba de introduzir.

Quem ama, valoriza. É assim que se cuida dos bens do povo.

Falando perante a Câmara dos Deputados, em 6 de junho de 1989, a respeito da realização do Seminário sobre Educação e Agropecuária, promovido pela Fespi, para assinalar o término do curso de pós-graduação em Metodologia do Ensino Superior, fiz questão de acentuar:

“A ideia dominante, Senhor Presidente e Senhores Deputados, é construir-se uma instituição universitária distanciada do modelo tradicional, pois integrada à comunidade regional e primordialmente comprometida com a melhoria de suas condições de vida. Sinalizada por essa preocupação, será indubitavelmente um vigoroso instrumento de transformação do meio em que vai atuar, prestando serviços, estudando, pesquisando, questionando e propondo soluções para os ingentes problemas do Extremo Sul do Piauí.”

E advertia:

“Entretanto, para que atinja tão ambicioso objetivo não basta apenas a ideia. É preciso formar quadros, preparar recursos humanos, sensibilizar pessoas, despertar empatias, infundir confiança, enfim, criar as condições para a ação construtiva, permanente e transformadora. Foi essa a razão determinante da realização do seminário e dela decorreu o seu êxito, que nos indica que estamos aptos a construir um modelo de universidade verdadeiramente comunitário. Universidade que universalize, isto é, que amplie horizontes e participações, buscando a unidade no “mais”, que é a imensa maioria dos marginalizados, e abandonando sua histórica adesão ao “menos”, que é a minoria elitizada, social e economicamente.

Assim se imaginou, assim se está fazendo. Pois, durante sua caminhada, nossa universidade já formou 526 profissionais de nível superior, sendo 148 engenheiros-agrônomo, 157 pedagogos e 321 licenciados em várias áreas, no total de 29 turmas.

E, se Deus quiser, formará milhares, não só nessas, mas em várias outras áreas do conhecimento humano.

Sei perfeitamente que, se não fosse ela uma instituição pública e gratuita, muitos jamais passariam pelos umbrais da universidade. Também perfeitamente sei que, ao proporcionar o acesso de tantos ao ensino superior, ela realiza, em pleno sertão do Piauí, uma aspiração historicamente acalentada pelas democracias de todo o mundo, qual seja a de assegurar a todos a igualdade de oportunidades.

É com tão diversificada e competente força de trabalho que contamos para mudar a paisagem social e econômica desta região, num futuro próximo, mediante a criação do Estado do Gurgueia.

Desejo fazer uma confissão: tenho imenso orgulho de participar desse momento de construção social, ao lado de outros abnegados companheiros. Se, na minha caminhada, outras vitórias não tivesse colhido, bastaria esta, somente esta, pelo sentido de progresso humano que ela encerra, para me dar plena consciência do dever cumprido.

Por último, aproveito a oportunidade para fazer veemente apelo ao Ministro João Henrique de Almeida Sousa, que nos honra com sua presença nesta solenidade, como vosso paraninfo. Senhor Ministro: durante todo o regime republicano, iniciado em 1889, isto é, nestes 113 anos, somente oito vezes tivemos a presença de piauienses no Ministério da República (Félix Pacheco, João Paulo dos Reis Veloso, Petrônio Portella, Hugo Napoleão – 2 vezes, Waldir Arcoverde, Freitas Neto e Vossa Excelência). Significa dizer que a probabilidade de um piauiense tornar-se Ministro demanda cerca de 14 anos. O fato é de tal raridade que, quando ocorre, o escolhido é cercado das simpatias e apoios gerais, independentemente de vinculações político-partidárias ou ideológicas. Diria mesmo que cada piauiense se sente Ministro na pele do escolhido. Se este fracassar, todos, de certa forma, nos sentidos frustrados. Daí o seguinte apelo: por tudo que lhe é caro, bom piauiense que é, não permita a

frustração de nossas esperanças deixando de recuperar a nossa BR-135, na sua passagem pelo Ministério dos Transportes. Se outra razão não existisse para clamar contra o suplício de transitar por essa rodovia, Senhor Ministro, diria que não temos mais paciência para esperar por mais 16 anos.

A todos, professores, alunos e funcionários, bem como aos que nos honram com suas presenças, finalizo usando, à maneira do grande Pablo Neruda, “uma velha palavra gasta, porém reluzente como uma velha moeda: OBRIGADO!”

* Pronunciamento de patrono na colação de grau dos engenheiros-agrônomo da Uespi de Corrente, em 27.07.2002.